

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 2, 1983

Páginas 35 - 43

Sete pontos insigni-ficantes relaciona
dos com a obra de Alexandre Herculano*

Jesus Antonio Durigan

1. A importância de Herculano para a Literatura Brasileira. Qualquer tentativa de apontar a importância de Alexandre Herculano para a Literatura Brasileira deve refletir antes sobre o problema da dependência cultural do Brasil em relação à Europa (entre a "Colônia" e a "Matriz") que, mesmo de um ponto de vista otimista, perdurou de maneira inequívoca, com exceção de pouquíssimos autores e obras, até o século XX. É por isso que a literatura, a crítica, a historiografia no nosso país foram marcadamente influenciadas durante o século XIX por autores europeus, como Walter Scott, V. Hugo, Byron, etc. e dentro deste contexto de influência européia, pelos portugueses Herculano e Garret.

Jesus Antonio Durigan é professor do Departamento de Teoria Literária do IEL e diretor do Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP

A influência desses autores foi, portanto, direta e insofismável sobre toda uma geração de intelectuais: Macedo, Alencar, Taunay, Bernardo Guimarães, Gonçalves Magalhães, etc. A exercida por Herculano, em particular, pode ser sentida nos nossos principais autores românticos. Além disso, há fortes indícios de que intelectuais brasileiros de menor fôlego como, por exemplo, Joaquim Norberto de Sousa Silva, tentaram produzir no Brasil versões tupiniquins do projeto "histórico-cultural" de Herculano. A vontade expressa de realizar essas versões nacionais, todavia, não foi suficiente e os possíveis projetos ficaram por realizar. Como se sabe, a simples vontade não é suficiente e não substitui o talento.

2. A carência de romances históricos na Literatura Brasileira. Apesar de a Literatura Brasileira ser bastante recente e até o modernismo não contar com um número significativo de bons autores, embora alguns, como Machado de Assis, por exemplo, escapem dessa valorização negativa, pode-se dizer que houve bastante interesse pelo gênero histórico. O projeto teatral e as obras históricas da produção literária de José de Alencar atestam sobejamente o interesse e a preocupação para com este gênero. Além dele, Gonçalves Dias, Taunay, Bernardo Guimarães, etc. também elaboraram textos com esta preocupação. Mais recentemente, o Policarpo Quaresma de Lima Barreto e os trabalhos de

Érico Veríssimo, Dinah Silveira de Queirós, João Felício dos Santos e Antonio Callado, dentre outros, são provas marcantes e irrecusáveis de que o romance histórico recebeu a devida atenção, foi alvo da preocupação de muitos escritores. Todavia, é preciso que se diga, com raríssimas exceções, os resultados literários que conseguiram chegar até nós são, na maioria dos casos, irrelevantes. A produção literária brasileira, neste gênero, se comparada a de outros países da Europa, só pode ser vista e entendida como uma espécie de reflexo de terceiro grau. Do nosso ponto de vista, o problema reside simultaneamente na nossa História e na historiografia que a representou — não por culpa dela, é óbvio — e em nossos autores. Nestes, por não conseguirem dar uma forma significativa às suas produções culturais, por não realizarem de maneira satisfatória seus projetos literários, naquela por representar basicamente um conjunto esgarçado de recortes, pontilhados ao longo de todo seu desenvolvimento por atos às vezes realmente heróicos, fragmentos recortados e estilhaçados cuja reprodução quase nunca permitiu uma representação histórica consistente. Muitos autores tentaram mesmo ver neste fato — uma história de cortes e recortes — a causa responsável pela falta de consistência e incapacidade de defesa — também não por culpa dele — do menino que por ironia, tem a infelicidade de ser geograficamente um gigante.

3. O uso da obra de A. Herculano pelas escolas brasileiras. Lendas e Narrativas permanecem lendas e narrativas esquecidas. Por isso, o conhecimento da obras de A. Herculano não vai além de Eurico, O Presbítero, da mesma forma que a obra de Camões é frequentemente mitificada e/ou reduzida e estigmatizada pela má utilização que a escola brasileira fez de seu nome e de seus textos. Mas, não podemos simplificar e perder de vista o contexto em que nós, brasileiros, estamos inseridos.

Na medida em que a Literatura não é uma das prioridades para o Estado, a Cultura relegada a segundo ou terceiro plano, a leitura desestimulada e a formação do povo convenientemente esquecida, a escola sem dúvida refletirá esse estado de coisas. Por isso tudo, ela não pode ser responsabilizada sozinha pelo mau ensino, pois sob este prisma ela será apenas bode expiatório. É consequência que, por sua dinâmica, se transforma também em causa. Desse modo, é todo um conjunto de fatores decorrentes de nossa própria evolução histórica e do sistema que nos abriga (e obriga) o responsável, com a escola, pela cristalização de atitudes — convenientes — pedagógicas redutoras da Literatura. O que há na grande maioria das escolas hoje é o anti-ensino da não-literatura, na medida em que, no Brasil, ler e comprar livros constituem atos de resistência.

4. A ficção e a historiografia de Alexandre Herculano são as duas faces de um mesmo e amplo projeto histórico-cultural. Nossa preocupação deve centralizar-se na des caracterização do privilégio que alguns críticos confe riram a partes isoladas da obra de Herculano, em detri mento de outras. Dessa forma, ele não foi acima de tu do um historiador, também não foi um ficcionista preo cupado com a História de Portugal, ou um crítico que lutou pela organização das Instituições Portuguesas. Foi tudo isso ao mesmo tempo. Sua produção histórica, literária, crítica, constituem os contornos (de) e con figuram um mesmo e único projeto histórico-cultural, que de todas as formas possíveis, e a seu modo, tentou levantar e garantir a memória de Portugal, visando à re presentação, e, com este procedimento, à fun dação da nacionalidade portuguesa.

Aprovando ou rejeitando, qualquer que seja a nos sa posição ideológica sobre o projeto, elaborado a par tir do ponto de vista de um liberal conservador, o cer to é que ele inaugurou o romance histórico em Portugal (Lendas e Narrativas, Eurico, o Presbítero, O Monge de Cister), a historiografia crítica (História de Portu gal, Origem e o Estabelecimento da Inquisição em Portu gal, etc.), o romance campesino ingênuo, bucólico (O Pá roco de Aldeia), e recuperou, com O Galego, um gênero quase picaresco, cuja tradição havia sido perdida em Portugal. Além disso, através de uma atuação decidida e sistemática, contribuiu decisivamente para a forma

ção do público leitor português e discutiu, defendendo sempre seu ponto de vista, todos os problemas políticos, institucionais, culturais, etc., de seu tempo. Junto com Garret, cujas idéias não eram por ele facilmente compartilhadas (cf. por exemplo, a questão do direito autoral), Herculano conseguiu revolucionar o meio cultural português, preparando historicamente — antes tarde do que nunca — o surgimento de outros autores como Eça de Queirós e Antero de Quental, que, por suas posições ideológicas distintas, foram criticados e defendidos pelo autor; indiretamente, via oceano, logrou conseguir que seu projeto não só tivesse um papel significativo quanto às marcas que distribuiu pela Literatura Brasileira Romântica, como também angariasse simpatizantes e adeptos, alguns quase imitadores.

Ao lado de Herculano histórico, há o Herculano esquecido de O Pároco de Aldeia e O Galego. O Pároco de Aldeia é uma novela cujas ações se passam em 1825. O estilo utilizado para formalizá-la é o da recordação de episódios e imagens da infância. O Pároco é, em resumo, uma novela que, na trilha de Rousseau, procura fazer a apologia da simplicidade e paz campestres, bem ao estilo do romance sentimental inglês criado por Samuel Richardson. O Galego foi o primeiro texto (inacabado) de um conjunto planejado para caracterizar os tipos humanos que haviam participado de maneira decisiva na formação do povo português. No primeiro caso, o

Herculano sisudo e sério dos textos históricos e outros textos cede seu lugar a um Herculano que valoriza as formas simples de convivência, a vida do campo. No segundo, o estilo é realista, crítico, irônico e até malandro — se isso não fosse considerado pela crítica como um palavrão, quando aplicado ao autor.

Entre os dois textos, graças às notáveis opções que a crítica fez por facetas muito parciais da obra do autor, ficou um ponto comum: ambos foram esquecidos e não receberam o devido tratamento que a crítica literária deveria dispensar-lhes, a ponto de não constarem de muitas Histórias Literárias bastante respeitáveis.

6. Um pensador, cujo perfil se explica pelo quadro do romantismo e do liberalismo português. A leitura de sua vasta obra ou a de comentários críticos de alguns intelectuais portugueses (A.J. Saraiva, Joaquim Barradas, por exemplo) deixa claro o quadro contraditório em que Alexandre Herculano se locomoveu com a maior coerência e dignidade. Era um liberal que defendia suas idéias, mas (ou por isso mesmo) não admitia a autonomia popular, a vontade do "vulgo", e considerava a desigualdade entre os homens um "fato indestrutível". Não concordava com as idéias de Antero de Quental, mas defendeu, por princípio, seu direito de manifestá-las ("A Supressão das Conferências do Cassino"). Dizia-se católico, mas, em defesa da verdade científica, des

truiu mitos históricos sustentados pela Igreja, o que lhe valeu perseguições e polêmicas.

Dentro desse quadro, salta aos olhos uma linha de coerência que configura e consagra o perfil de Alexandre Herculano como um pensador representativo do liberalismo oitocentista vivendo dentro de uma realidade, a portuguesa do século XIX, cuja constituição representava um reflexo distorcido e adiado do romantismo europeu e do liberalismo francês.

7. As relações entre a ideologia liberal-conservadora de Alexandre Herculano e a mitologia de seus romances históricos. Muitos autores erram, ou pelo menos simplificam bastante, quando afirmam que Herculano preocupou-se fundamentalmente com o passado e que visava a levantar, recompor e fixar na memória de Portugal seu passado histórico. Entendemos que, se de um lado essas tarefas foram parcialmente cumpridas, de outro, seu trabalho visava ao presente e ao futuro de seu país. Foi, portanto, na nossa opinião, um pensador que tinha como proposta básica a re-organização do presente e a criação de alternativas para o futuro.

A preocupação de Herculano, ao voltar-se para os temas históricos, era buscar na Idade Média os traços fundadores não só da nacionalidade portuguesa, como também as formas institucionais (sua atenção para com a organização dos municípios na Idade Média, por exemplo) que pudessem orientar e re-organizar as Institui

ções Portuguesas de seu tempo. Em resumo: sua preocupação foi basicamente a de pensar o presente, propor formas futuras sempre a partir da recomposição e da reflexão sobre o passado de Portugal. De resto, era um liberal conservador que temia e não respeitava (por inculta) a "plebe", o "anônimo", da mesma forma que defendia e lutava a favor de todas as formas individuais de manifestação.

* Este texto procurou assimilar, a seu modo, a entrevista que Roberto Goto fez em 08/05/83 a propósito do nosso livro Alexandre Herculano.